

ou três ofereceremos aos nossos leitores: é «obra feita» e é, ao lado destas poucas linhas, um modo de prestar homenagem à sinceridade dum camarada, a quem seria injusto responder com o silêncio.

Para terminar: classificar as colónias comunistas entre as cooperativas não é caluniá-las. A repartição dos lucros não é essencial nas cooperativas. Leia-se o bem conhecido livro de Daudet-Bancel e o seu relatório ao congresso anarquista de 1900. Também ele atribuía às cooperativas o poder de organizar a sociedade comunista desde a presente. Mas... não nos deixemos arrastar. Veremos no próximo número.

Sobrevivente duma Colónia

A interessante *Crónica Subversiva*, do nosso amigo e camarada Astrojildo Pereira, traz-nos a triste notícia do falecimento, em S. Paulo, do velho militante anarquista Francisco Gattai.

Quando, em 1890, o dr. Giovanni Rossi foi fundar no Brasil, em Palmeira, Estado do Paraná, a famosa «Colónia Cecilia», Gattai fazia parte do grupo de colonos comunistas.

A empresa veio depois a fracassar, como tem sucedido a todas as que conhecemos neste género, e daquela vez sobretudo por causa do problema sexual. Lamentamos não ter conservado o notável relatório de Rossi sobre a sua tentativa.

Morta a colónia comunista, alguns dos colonos arrefeceram no seu anarquismo e foram tratar da vida. Gattai, porém, foi dos que se mantiveram firmes, trabalhando pelo seu ideal até à morte.

Madurezas

Entrevistado o fundador oficial, desta beleza republicana em que vivemos, o sr. Machado Santos, declarou que «urgia promulgar o Código do Trabalho de maneira a interessar o operariado na vida política comum, desviando-o do sindicalismo revolucionário».

Como o fundador se esquece dos tempos em que se fez revolucionário e procurava captar sindicalistas para as suas hostes! Julgará possível que o operariado se esqueça facilmente de

todos os favores de que é devedor a todos os grupelhos da política, ou desta espere a sua emancipação e o seu bem estar?

Os correios democráticos e... aliados

Em 25-7-912, registámos sob os n.ºs 1305-6 e 7, na Estação Central dos Correios, de Lisboa, três pacotes de livros sujeitos à cobrança, na importância de 7\$08, consignados a José Teixeira, de Lucala, Loanda. Como nunca soubemos se foram entregues, reclamámos, em carta registada, para que a Administração dos Correios — era administrador o António Maria da Silva — nos fizesse entregar os livros ou o seu valor e, até hoje, conseguimos... desistir para não perdermos mais, pelo menos, tempo, que também é dinheiro.

Em 12-2-918, registámos sob os n.ºs 9791 e 9792, dois pacotes de livros para J. F. Escobar, de New Bedford, Mass. Reclamando em 13-8-1918, contra a sua não entrega, foi-nos respondido apenas, depois de nos fazerem gastar mais \$15: «o objecto retro mencionado foi apreendido pela censura militar francesa».

A moral da administração democrática equivalente à moral libertadora dos aliados!

Confiemos tudo dos Estados. Se nos espoliam, nos, oprimem e muito mais, é para defesa e salvaguarda dos interesses... dos povos.

Açambarcadores

O governo acaba de publicar seis decretos, nada menos, duplicando o preço de todo o serviço de cobranças, vales e registos, como já o tinha feito à franquia para a correspondência. No momento em que todos anseiam o barateamento do tudo quanto encareceu, no momento em que o governo promete guerra aos açambarcadores, este procedimento é excessivamente extraordinário. Tanto quanto ele se vale da circunstância de estar livre de concorrentes... como açambarcador supremo.

O Estado a dar o exemplo!... E não há um raio que nos livre dos açambarcadores.